

NOTA PRÉVIA

Quando, há já alguns anos, dei os primeiros passos para a elaboração da minha tese de doutoramento, que estuda, numa perspectiva histórica, a morfo-sintaxe na gramática portuguesa (1536-1750), a primeira dificuldade foi a de saber quais e quantas gramáticas da língua portuguesa tinham sido publicadas neste período e onde se encontravam.

Socorrendo-me do chamado *Dicionário do Inocência* e depois da *Biblioteca Lusitana*, fiquei com uma visão mais ou menos aproximada do que se tinha produzido nesta época. O trabalho de pesquisa nas principais bibliotecas do país e a consulta dos catálogos impressos levaram-me a um conhecimento muito mais completo de tudo o que no âmbito da gramática, no sentido mais amplo, se publicou ou existe em manuscrito.

Porque o trabalho de pesquisa era muito demorado e tudo se encontrava muito disperso — passaram-me pelas mãos milhares e milhares de fichas! — pensei se não seria útil compilar e organizar uma espécie de catálogo que englobasse um vasto período da nossa história gramatical. Quem, no futuro, quiser estudar, *lato sensu*, a gramática do Português, em qualquer época da história da língua — e sei que há um bom número de linguistas, tanto portugueses como estrangeiros, que o fazem ou pretendem vir a fazer — tem à sua disposição uma «Historiografia Gramatical» que, se não é completa, dá pelo menos uma ideia real do que de facto existe e onde.

A ideia inicial alargou-se e a data limite de 1750 estendeu-se até 1920. À língua portuguesa juntei também a língua latina — o que foi a «Gramática Portuguesa» desde o seu início (1536, com a *Grammatica da lingua-gem portugueza*, de Fernão de Oliveira) até ao aparecimento da *Gramática Filosófica* em Portugal (finais do século XVIII, princípios do século XIX) senão uma gramática em vernáculo da gramática latina?! E a sucessiva descoberta de dezenas de títulos, em português, de gramáticas do Francês, do Inglês, do Italiano e de outras línguas, muitas vezes com o sugestivo título de, por exemplo, *Gramática da língua portugueza e francesa* ou *Gramática francesa e portugueza* (o mesmo exemplo serve para o Inglês) ou ainda a

existência de gramáticas portuguesas escritas em Alemão, Francês, Italiano, Inglês, etc., levaram-me também a incluir nesta Historiografia Gramatical todas as obras que, de algum modo, estivessem relacionadas com a gramática e a língua portuguesa. E esta mesma ideia fez com que incluísse gramáticas do Grego (clássico), do Hebraico e do Árabe, feitas por autores portugueses, radicados em Portugal ou no estrangeiro, como é o caso do judeu português Mosseh Ben Gidhon, que publicou uma *Grammatica Hebraica* em Hamburgo (1633), ou por estrangeiros que leccionavam em Portugal, como Nicolau Clenardo. E não poderia também esquecer gramáticas de outras línguas com as quais, por força das descobertas e expansão portuguesas, o Português entrou em contacto quer no Brasil, África Setentrional e Oriente. Ainda no século XVI (1595) o P. José de Anchieta elabora uma *Arte da Grammatica da lingoa mais usada nas costas do Brasil*, logo seguido pelo P. Luís Figueira que publica a sua *Arte da lingua brazilica* em 1621.

Incluem-se, pois, nesta Historiografia, obras gramaticais em língua portuguesa, obras gramaticais de autores portugueses ou obras gramaticais sobre a língua portuguesa. Penso que, assim, há uma visão mais ampla do que se fez, durante cerca de 400 anos, em matéria de gramática, mais directa ou indirectamente relacionado com a língua portuguesa.

Para facilitar a consulta, pensei ser mais produtivo organizar os dados por línguas e, particularmente em relação à língua portuguesa e à língua latina, também por assuntos. Dentro de cada língua (numeradas em romano) e dentro de cada assunto (numerados em árabe) segui a ordem alfabética. Salvo o caso de obras muito específicas, mantive na língua original obras gramaticais referentes a outras línguas, (por exemplo, gramáticas do Português escritas em alemão). Elaborei dois índices, um cronológico, para dar ao consulente uma ideia geral do que se publicou num determinado período, e um outro de autores, de modo a facilitar a consulta, remetendo este para a respectiva página, língua e/ou assunto onde a obra (ou obras) aparece mais detalhadamente descrita e localizada. Uma rápida consulta do índice Geral dá uma visão da organização do trabalho.

Ainda neste sentido, actualizei a ortografia dos nomes dos autores a fim de manter a ordem alfabética. As diferentes ortografias, quer em relação aos ficheiros das respectivas bibliotecas, nem sempre coincidentes com a ortografia das próprias obras (e também a falta de uma norma para uma mesma época), quer em relação aos catálogos consultados, fizeram-me sentir a necessidade de uma padronização pela ortografia actual do Português, tanto mais que, trabalhando com suporte informático, tornava-se mais fácil a consulta ou pesquisa de uma obra na base de dados. Mantive, contudo, a ortografia dos títulos (por certo nem sempre de acordo com a das obras),

dos editores e dos nomes estrangeiros, tal como os encontrei nas fichas e nos catálogos.

Mais de 90% dos autores e títulos referenciados — cerca de 880 autores e à volta de 1530 títulos — levam a indicação da Biblioteca onde se encontram e respectiva cota. Quero, no entanto, alertar para o facto de nem todas as cotas poderem ser exactas ou, pura e simplesmente, as obras não existirem. Alguma degradação nos ficheiros mais antigos e dificuldades na sua actualização ou o desaparecimento de algumas obras podem ter sido causa involuntária de alguns erros.

Na Biblioteca Nacional de Lisboa há, em muitos casos, vários exemplares da mesma obra e edição, indiquei, regra geral, apenas uma cota, a não ser que uma ou outra indicação na respectiva ficha me levasse à desconfiança de se tratar de edições diferentes.

Muitas das obras existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra têm apenas a indicação de «ficheiro antigo». Refiro-me ao ficheiro localizado no interior do balcão da Sala de Ficheiros. Algumas destas obras têm uma ficha no «ficheiro de assuntos», sem qualquer outra indicação, e não se encontra depois a correspondente no onomástico (poderá estar fora de ordem ou (esta e/ou o livro) simplesmente não existe). Nesta fase do meu trabalho não era possível estar a verificar dezenas e dezenas de milhar de fichas ou a correspondência de cada ficha à respectiva obra.

Em relação às obras referidas como existentes nas Biblioteca Pública de Guimarães e Biblioteca da Marinha (Rio de Janeiro), tive apenas a preocupação de referir a sua existência no caso de não existirem numa das quatro grandes bibliotecas onde fiz trabalho de pesquisa (Porto, Coimbra, Lisboa e Évora), tendo-me limitado unicamente à consulta dos respectivos catálogos.

A referência das obras existentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foi-me gentilmente facultada pelo colega da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Dr. Carlos Costa Assunção — a quem agradeço a generosa disponibilidade dos dados, o que torna muito mais completo este trabalho — que aí fez uma pesquisa, ainda incompleta, no verão de 1993. Algumas das obras levam apenas a indicação da Biblioteca por não ter sido possível o acesso ao ficheiro onomástico uma vez que, na altura, esta se encontrava em obras.

Esta «Historiografia Gramatical» não é nem pode ser um trabalho acabado. Tenho consciência de que há ainda muitas pesquisas a fazer e um trabalho ainda longo e demorado não só nas bibliotecas onde trabalhei, mas também em muitas outras bibliotecas e arquivos existentes nas principais cidades do nosso país. E uma historiografia gramatical não poderá estar completa sem também se desenvolver um trabalho de pesquisa nas Bibliotecas do Brasil, no Rio de Janeiro (particularmente na Biblioteca Nacional e

Real Gabinete Português de Leitura) e nas cidades "primeiras" da colonização portuguesa (Baía, Recife, Olinda, etc.). Por outro lado, sei que em muitas bibliotecas espalhadas pela Europa — Madrid, Paris, Roma, Viena, Londres, Hamburgo, Amesterdão e outras — e também pelas Américas e África, há gramáticas da língua portuguesa. Por agora, era humanamente impossível abalançar-me a esta tarefa. E um trabalho a que, se não for feito por outros, deitarei mão logo que possa.

Quero agradecer a muitos amigos o apoio que me deram, manifestando-se pela utilidade de um trabalho deste género, com é o caso da Prof.¹ Maria da Graça Pinto, dos Prof.s Adriano de Carvalho, Jorge Osório, Gomes da Torre e Mário Vilela, da Universidade do Porto — a todos agradeço as sugestões por mini pedidas —, Prof. Malaca Casteleiro, da Universidade de Lisboa e da Academia das Ciências, e Prof. Winfried Busse, da Universidade de Berlim.

De modo particular, quero agradecer ao Prof. Jorge Morais Barbosa, da Universidade de Coimbra, pelos conselhos na organização deste trabalho, pela indicação de algumas obras e, sobretudo, pelo apoio tão incondicional que sempre me tem dado. E o meu muito obrigado pelo Prefácio que fez o favor de escrever para este trabalho e que sobremaneira o enriquece pelo que diz e como o diz.

E este trabalho só é possível porque, ao abrigo do «Estatuto da Carreira Docente do Ensino Superior», pude beneficiar de «dispensa de serviço» pelo período de três anos lectivos, para elaboração da minha tese de doutoramento — na qual este trabalho de algum modo se integra —, concedida pela Faculdade de Letras e Universidade do Porto. A sua publicação deve-se, antes de mais, ao beneplácito do Conselho Científico da Faculdade de Letras que ajuizou da sua validade, a quem sinceramente agradeço, sendo-me permitido destacar o Prof. Jorge Osório na sua qualidade de Organizador da «Revista da Faculdade de Letras» — Série de «Línguas e Literaturas», no apoio e defesa do trabalho.

O meu muito obrigado às colegas e amigas Dr.^a Olinda Santana e Dr.^a Felicidade Morais, da UTAD, pela preciosa ajuda na correcção deste trabalho; e à Ana Margarida, à Celeste Nunes e ao meu sobrinho João Carlos Botelho, pela ajuda na pesquisa e leitura de fichas em algumas bibliotecas.

O meu agradecimento final vai para a minha mulher, por tudo o que é e representa e sem a qual, dadas as minhas condições físicas, nunca teria podido realizar todo esta imensa pesquisa e constantes deslocações.

SIMÃO CARDOSO